



START.SOCIAL:

25 anos a transformar vidas e a construir novos caminhos para a intervenção social

Celebrar 25 anos é, para a START.SOCIAL, muito mais do que revisitar conquistas. É olhar para um percurso construído por pessoas, decisões, desafios e aprendizagens, mas também reconhecer a importância de uma intervenção social próxima, profissional, inovadora e sustentável. É desta experiência que nasce o livro *Intervenção Social e Liderança – A História da START.SOCIAL*, uma obra que procura preservar testemunhos, valorizar o trabalho social e transformar um quarto de século de experiência num ponto de partida para uma nova etapa.

Lurdes Gonçalves, a CEO da START.SOCIAL, fala deste projeto em entrevista à Revista Pontos de Vista nas próximas linhas.



LURDES GONÇALVES

A START.SOCIAL assinala 25 anos de intervenção social. Quando olha para este percurso, que momentos, desafios e conquistas considera mais marcantes e que identidade acredita que a organização conseguiu construir ao longo destas duas décadas e meia?

Celebrar 25 anos é, muito mais do que olhar para trás e enumerar conquistas. É reconhecer um percurso feito de pessoas, de decisões, de desafios e, sobretudo, de aprendizagem.

A START.SOCIAL nasceu de uma convicção muito simples: a intervenção social só faz verdadeiramente sentido quando está próxima das pessoas e quando é capaz de criar condições para que cada uma delas possa construir o seu próprio caminho.

Ao longo destes 25 anos, tivemos momentos

muito exigentes, mas também tivemos a oportunidade de criar respostas, desenvolver projetos, capacitar pessoas e fortalecer comunidades. Mais importante do que os números ou as estruturas que fomos construindo são as vidas que conseguimos tocar e transformar.

Houve decisões particularmente difíceis, momentos de grande responsabilidade e também períodos em que tivemos de reinventar a nossa forma de intervir. A crise financeira e, mais tarde, a pandemia foram exemplos claros de que liderar uma organização social implica capacidade de decisão, resiliência e uma enorme responsabilidade perante as pessoas que dependem das nossas respostas.

Mas há uma conquista que hoje valorizo de uma forma muito especial: termos conseguido construir uma organização com identidade

própria, capaz de inovar, de criar respostas e de acreditar que a intervenção social pode ser simultaneamente humana, profissional e sustentável.

É precisamente desse percurso que nasce o livro *Intervenção Social e Liderança – A História da START.SOCIAL*. O que esteve na origem desta obra e que significado assume para si, enquanto líder, mas também para a própria organização?

Não quisemos fazer apenas uma cronologia dos últimos 25 anos. Quisemos preservar histórias, testemunhos e aprendizagens que podem ser úteis a quem trabalha no setor social e inspirar quem está agora a iniciar o seu percurso.

Por isso, vejo este livro não como um ponto de chegada, mas como uma nova etapa.

Se os primeiros 25 anos foram sobretudo de construção e consolidação, queremos que esta nova fase seja de partilha, reflexão e inspiração. Queremos levar esta experiência para fora da START.SOCIAL, encontrar outras organizações, dirigentes e técnicos, ouvir outras perspetivas e continuar a construir conhecimento em conjunto. É esse o verdadeiro sentido que queremos dar às comemorações e à agenda que estamos a preparar para setembro: não celebrar apenas aquilo que fizemos, mas transformar 25 anos de experiência num ponto de partida para aquilo que ainda podemos fazer pelo futuro da intervenção social em Portugal.

A obra não pretende contar apenas uma história institucional: procura sobretudo dar voz às pessoas que fizeram e fazem parte deste caminho. Que dimensão humana quis preservar através dos testemunhos reunidos no livro?

Não quisemos escrever apenas uma história institucional. Quisemos dar voz às pessoas e às experiências que estão por detrás daquilo que construímos.

Há testemunhos de pessoas que foram acompanhadas pela START.SOCIAL, de profissionais e de quem viveu diferentes momentos deste percurso. E é precisamente essa dimensão humana que, para mim, dá verdadeiro sentido ao livro.

Enquanto líder, este livro representa também uma oportunidade de olhar para o caminho percorrido com alguma distância e perceber que uma visão só se transforma em realidade quando conseguimos mobilizar pessoas, criar equipas, estabelecer alianças e manter uma organização fiel aos seus valores, mesmo perante as dificuldades.

Tenho consciência de que a liderança não se faz sozinha. A minha visão pode ter sido o ponto de partida, mas aquilo que hoje é a START.SOCIAL resulta do contributo de muitas pessoas que acreditaram, que trabalharam, que desafiaram, que inovaram e que nunca deixaram de colocar as pessoas em primeiro lugar.

Por isso, este livro toca-me muito a nível pessoal. A START.SOCIAL transformou muitas vidas, mas transformou também a minha. Esta foi uma missão de vida que me ensinou que liderar é assumir responsabilidade, mas é também estar disponível para aprender, mudar e crescer com os outros.

E talvez seja esse o maior significado desta obra: mostrar que a intervenção social não é apenas aquilo que fazemos pelas pessoas. É aquilo que construímos com elas.

Um dos propósitos do livro é também valorizar o trabalho social e dar maior visibilidade ao impacto que diariamente é produzido. Considera que a sociedade ainda conhece pouco aquilo que acontece no terreno?

Considero que existe uma dimensão do livro particularmente importante: a valorização do trabalho social e a necessidade de mostrar à sociedade o impacto que este trabalho produz.

Fala-se muitas vezes da intervenção social a partir das suas fragilidades, dos seus problemas ou daquilo que ainda falta fazer. E é importante que exista espírito crítico. As organizações sociais também devem ser capazes de se questionar, avaliar as suas práticas e procurar fazer melhor.

Mas todos os dias, nas organizações sociais, milhares de profissionais trabalham silenciosamente para criar oportunidades, prevenir situações de risco, promover autonomia, apoiar famílias, incluir pessoas e reconstruir percursos de vida. Muitas dessas histórias não chegam ao conhecimento da sociedade.

E isso é uma responsabilidade que também é nossa.

As organizações sociais precisam de comunicar melhor o impacto daquilo que fazem. Não para procurar reconhecimento, mas para dar visibilidade às pessoas, aos profissionais e às respostas que estão a transformar vidas.

Este livro nasce também dessa vontade: mostrar que por detrás de cada resposta social existem pessoas, existe conhecimento, existe trabalho e existem resultados.

Falamos de impacto, mas a intervenção social trabalha muitas vezes com mudanças que não

JUNTOS, TRANSFORMAMOS VIDAS, CONSTRUÍMOS O FUTURO.

UM LIVRO INSPIRADOR SOBRE PESSOAS,
HISTÓRIAS E IMPACTO REAL.



UM LIVRO INSPIRADOR

A história de um percurso construído com pessoas, comunidades e sonhos que transformam vidas.

Histórias reais de impacto, liderança e transformação social que inspiram e gerem mudança.



FAÇA SCAN
DO QR CODE



CONHEÇA MAIS
SOBRE O
NOSSO LIVRO



SIGA-NOS NOS NOSSOS CANAIS DIGITAIS
WWW.STARTSOCIAL.ORG.PT [start.social2001](https://www.facebook.com/start.social2001)



podem ser reduzidas a números. Como deve uma organização avaliar o impacto que produz e demonstrar que está, efetivamente, a transformar vidas?

Numa organização social, não podemos perder de vista a pessoa. Os resultados são importantes, mas não podem ser avaliados apenas em termos financeiros ou quantitativos.

Precisamos de perguntar: que diferença estamos realmente a fazer na vida das pessoas? Estamos a criar autonomia? Estamos a reduzir desigualdades? Estamos a gerar oportunidades? Estamos a transformar alguma coisa de forma sustentável?

Essa avaliação exige rigor, transparência e capacidade de demonstrar resultados. Se defendemos que as empresas devem assumir uma responsabilidade social maior perante as comunidades onde estão inseridas, também temos de garantir, enquanto organizações sociais, que existe transparência, rigor e capacidade para demonstrar como os recursos são utilizados e qual o impacto que produzem.

Acredito que esta é uma responsabilidade essencial para que o setor social seja cada vez mais reconhecido como um verdadeiro espaço de conhecimento, inovação e transformação.

Ao longo deste percurso, a START.SOCIAL enfrentou contextos de grande complexidade e procurou reinventar as suas respostas. Que papel atribui à inovação e à capacitação na construção de uma intervenção social verdadeiramente transformadora?

A inovação, para mim, não pode ser apenas uma palavra associada a novas metodologias. Tem de significar capacidade para encontrar respostas diferentes quando as respostas existentes já não são suficientes.

Mas a inovação só tem verdadeiro sentido quando está ligada à capacitação das pessoas e à criação de condições para que possam construir o seu próprio caminho.

É precisamente essa proximidade que procuramos preservar. Não queremos respostas pré-formatadas, desligadas dos territórios e das pessoas. Queremos compreender as realidades concretas, identificar potencialidades e desafios e construir caminhos com quem está diretamente envolvido. No fundo, a intervenção social deve procurar criar autonomia, oportunidades e capacidade de participação. A transformação acontece quando deixamos de fazer apenas pelas pessoas e começamos verdadeiramente a construir com elas.

A liderança surge, naturalmente, como um dos grandes temas desta reflexão. O que significa, para si, liderar uma organização social e em que medida essa liderança se aproxima ou se distancia da liderança empresarial?

Para mim, liderar no setor social é, antes de mais, assumir uma responsabilidade que ultrapassa a própria organização. É compreender que as decisões que tomamos têm impacto direto na vida das pessoas e nas comunidades onde intervimos. Para mim, liderar é conseguir equilibrar propósito e gestão.

E isso exige competências humanas muito fortes. Acredito numa liderança com propósito, mas também com exigência. Com humanidade, mas também com responsabilidade. Com capacidade de sonhar, mas igualmente com coragem para concretizar.

E talvez a competência humana que reúne todas estas dimensões seja a humildade.

Não acredito que exista uma liderança para o terceiro setor e outra para o mundo empresarial. Um bom líder é um bom líder. Tem de ter visão, capacidade de decisão, inteligência emocional, coragem, capacidade de mobilizar pessoas, sentido de responsabilidade e, sobretudo, consciência das consequências das suas decisões.

O que muda são os fins.

No universo empresarial, existe naturalmente uma lógica de criação de valor económico. No setor social, o objetivo último é criar valor social e transformar vidas. Mas isso não significa que uma organização social possa prescindir de uma boa gestão, de sustentabilidade, de inovação ou de exigência.

Aliás, defendo precisamente o contrário: uma organização social, porque trabalha com recursos que são muitas vezes escassos e com pessoas em situação de maior vulnerabilidade, tem uma enorme responsabilidade na forma como gere esses recursos.

Se liderança exige propósito e gestão, será que o futuro do terceiro setor passa necessariamente por organizações maiores e com maior escala?

Não acredito que o futuro das organizações sociais passe por serem cada vez maiores.

As organizações sociais podem e devem crescer. Mas a sua escala não tem de ser física nem burocrática; pode ser colaborativa.

Acredito muito mais em redes de cooperação do que em estruturas centralizadas. Em organizações que mantêm a sua identidade, a proximidade aos territórios e às pessoas, mas que partilham conhecimento, recursos, inovação e impacto com outras entidades.

A verdadeira escala do setor social constrói-se através de alianças, não da concentração.

Não precisamos de construir organizações gigantes, nem de criar estruturas pesadas que acabam por consumir recursos, energia e, muitas vezes, os próprios líderes. A construção de impérios, seja no mundo empresarial ou social, tende a afastar as organizações da sua missão e, mais cedo ou mais tarde, torna-as difíceis de sustentar.

Essa visão conduz-nos diretamente ao tema da cooperação. Quão importante é hoje o trabalho em rede entre organizações sociais e como pode ser reforçada a relação entre o terceiro setor, empresas, poder público e comunidades?

Precisamos de ir mais longe: precisamos de aprender a colaborar mais entre nós.

Não podemos olhar para os recursos destinados ao setor social como se fossem uma espécie de território que temos de disputar uns com os outros. Temos de ser capazes de perceber

onde um determinado investimento pode gerar mais impacto e construir alianças para que esse impacto aconteça.

Uma organização pode ter conhecimento numa determinada área, outra pode ter experiência noutro território, outra pode ter capacidade de mobilização e uma empresa pode ter recursos financeiros. Se conseguirmos juntar estas competências, podemos fazer muito mais pelas pessoas.

É aqui que vejo o verdadeiro potencial do match entre o tecido empresarial e o terceiro setor, mas também entre as próprias organizações sociais.

As empresas precisam de parceiros em quem possam confiar, e essa confiança constrói-se com transparência, profissionalismo, prestação de contas e capacidade de demonstrar resultados.

Por outro lado, as organizações sociais precisam de deixar de olhar apenas para a sua própria realidade e perceber que podem ser parte de um ecossistema maior de transformação.

Acredito numa responsabilidade social mais estratégica, mais próxima dos territórios e mais orientada para o impacto. E acredito numa filantropia que não seja apenas “dar”, mas que procure perceber: onde está a necessidade? Quem tem capacidade para intervir? Que recursos são necessários? E que transformação queremos alcançar?

Se conseguirmos criar este encontro entre empresas, organizações sociais, poder público e comunidades, podemos contribuir efetivamente para reduzir desigualdades e construir territórios mais coesos.

No fundo, é uma mudança de paradigma: não se trata apenas de perguntar “quanto precisamos?”, mas também “quanto podemos fazer juntos?”.

Em setembro, a START.SOCIAL dará continuidade às comemorações dos seus 25 anos com várias sessões de apresentação e autógrafos do livro. O que gostaria que cada pessoa levasse consigo depois de conhecer esta obra e estas histórias?

Gostaria, acima de tudo, que cada pessoa levasse consigo uma vontade renovada de acreditar que é possível fazer diferente.

Quero que quem leia o livro encontre pessoas e histórias com as quais se possa identificar, mas também perguntas que o façam pensar.

Aos profissionais e técnicos do setor social, aos quem têm responsabilidades políticas e de decisão, gostaria que o livro provocasse uma reflexão sobre as políticas sociais e sobre a necessidade de as construir cada vez mais próximas da realidade. Às empresas, gostaria que o livro despertasse a vontade de se aproximarem mais do terceiro setor e de perceberem que a responsabilidade social pode ser muito mais do que financiar um projeto. Aos dirigentes, gostaria que o livro deixasse uma reflexão sobre liderança, sustentabilidade e responsabilidade. E ao público em geral, gostaria simplesmente que ficasse com uma certeza: há muitas vidas a serem transformadas todos os dias através do trabalho social, mesmo quando esse trabalho não chega às notícias ou às redes sociais.



As sessões de setembro serão, por isso, muito mais do que momentos de apresentação e autógrafos. Queremos que sejam momentos de encontro, de conversa e de partilha.

Queremos levar o livro às pessoas, mas também queremos ouvir as pessoas.

E espero que, no final, cada uma saia com uma pergunta: “O que posso eu fazer para contribuir para uma sociedade mais justa, mais inclusiva e menos desigual?”

Porque, se este livro conseguir transformar uma leitura numa reflexão, uma reflexão numa conversa e uma conversa numa ação, então terá cumprido verdadeiramente a sua missão.

Temos já algumas datas que nos deixam particularmente felizes e que queremos partilhar convosco. Estaremos no dia 24 de setembro, às 16h30, na Biblioteca Municipal José Saramago, em Loures, e teremos uma nova sessão no dia 10 de outubro, em Sacavém.

Estamos também a preparar outras apresentações e encontros em diferentes espaços e territórios. Em breve partilharemos as restantes datas e locais, assim que estejam confirmados.

Para além do livro e das comemorações dos 25 anos, a START.SOCIAL tem também um novo desafio em mãos: o projeto “Caminhos para a Inclusão”, aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian entre 286 candidaturas, das quais apenas 28 foram selecionadas. O que representa este reconhecimento e que futuro pretende construir através deste projeto?

Trazer para o concelho de Loures um projeto como o “Caminhos para a Inclusão”, financiado

pela Fundação Calouste Gulbenkian e selecionado entre 286 candidaturas, com apenas 28 projetos aprovados, é para nós motivo de enorme orgulho, mas é também uma grande responsabilidade.

Orgulho, porque significa que uma entidade de referência reconheceu a qualidade, a pertinência e o potencial de impacto daquilo que nos propusemos fazer. E responsabilidade, porque sabemos que este reconhecimento aumenta também a nossa exigência. Temos agora de transformar uma boa candidatura numa boa intervenção e, sobretudo, em resultados concretos na vida das pessoas.

E há uma razão adicional para esse orgulho: este projeto acontece em Loures.

Conhecemos este território, as suas pessoas, as suas potencialidades e também as desigualdades e desafios que ainda persistem. Não queremos trazer uma solução pré-formatada; queremos construir caminhos com o território, com as pessoas e com os parceiros.

É precisamente por isso que estamos abertos a novas parcerias. Queremos que este projeto seja maior do que a START.SOCIAL e que possa mobilizar competências que nós próprios não temos. Gostaria particularmente de ver as empresas de Loures e da região aproximarem-se deste projeto. Não apenas através do financiamento, mas através daquilo que sabem fazer: conhecimento, tecnologia, formação, mentoria, oportunidades de estágio, experiências em contexto de trabalho e, sobretudo, oportunidades de emprego.

Se queremos falar verdadeiramente de inclusão, temos de conseguir fazer a ponte entre a intervenção social e a vida económica.

Uma pessoa está verdadeiramente mais incluída quando tem autonomia, rendimento, participação e oportunidade de construir o seu próprio futuro.

Depois destes 25 anos, do livro que agora nasce e dos novos projetos que se desenham, que futuro gostaria de ajudar a construir para a START.SOCIAL e, de forma mais abrangente, para a intervenção social em Portugal?

Talvez esta seja uma das aprendizagens mais importantes que os 25 anos da START.SOCIAL me ensinaram: uma missão social não perde força quando ajudamos outra organização. Pelo contrário. O impacto cresce quando deixamos de pensar apenas no que é nosso e começamos a pensar no que podemos construir em conjunto.

Gostaria que o futuro passasse por uma nova cultura de cooperação no setor social, por políticas sociais mais próximas das pessoas e dos territórios e por uma maior valorização do conhecimento que nasce diariamente no terreno.

Precisamos de escutar quem conhece os territórios, valorizar quem intervém no terreno e criar soluções com a participação de todos. Só através deste compromisso coletivo será possível promover um desenvolvimento comunitário mais justo, sustentável e capaz de responder aos desafios do presente e do futuro.

E talvez seja esse o melhor significado para estes 25 anos da START.SOCIAL: não olhar apenas para aquilo que conseguimos construir, mas perceber o que ainda podemos construir juntos. ■